

cadernos da fototeca **2**

Coordenação

Francisco Roque de Oliveira

Centro de Estudos Geográficos: 80 Anos, 80 Fotografias



Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Coordenação

Francisco Roque de Oliveira

Centro de Estudos Geográficos: 80 anos, 80 fotografias

Lisboa, 2024

Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Título Centro de Estudos Geográficos: 80 anos, 80 fotografias

Autores José Luís Zêzere, Francisco Roque de Oliveira

Coordenação da edição Francisco Roque de Oliveira

Colecção Cadernos da Fototeca

N.º da colecção 2

Comissão editorial da colecção Ana Bonifácio, Ana Estevens,
Ezequiel Correia, Francisco Roque de Oliveira, Sandra Oliveira

Pesquisa e selecção de fotografias Filipa Garcez Jardim, Francisco
Roque de Oliveira, Sandra Domingues e Sílvia Mendes Ribeiro

Fotografias Fototeca do Centro de Estudos Geográficos, IGOT-Universidade de Lisboa

Reprodução de fotogramas Filipa Garcez Jardim e Sílvia Mendes Ribeiro

Editor Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
Edifício IGOT – Cidade Universitária
Rua Branca Edmée Marques, 1600-276 Lisboa

Grafismo e paginação João Rodrigues

Capa João Rodrigues, sobre fotografia de Maria Eugénia Moreira, 1976
Vasques no grés costeiro. Ponta do Ouro, Maputo,
Moçambique (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa S13294)

Impressão e acabamento Lousanense – Artes Gráficas

© Autores, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 2024

ISBN 978-972-636-310-1
978-972-636-311-8

Depósito Legal 4

DOI 10.33787/CEG20240005

Tiragem 250 exemplares

índice

CEG – 80 Anos de Investigação Geográfica em Portugal	5
José Luís Zêzere	
<i>Centro de Estudos Geográficos:</i>	9
<i>80 anos, 80 fotografias – Ideia e itinerário de uma exposição</i>	
Francisco Roque de Oliveira	
<i>caderno fotográfico</i>	31

**Centro de Estudos Geográficos:
80 Anos
80 Fotografias**
Ideia e itinerário de uma exposição

Francisco Roque de Oliveira

Centro de Estudos Geográficos
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
Universidade de Lisboa
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5854-8971>
DOI 10.33787/CEG20240005-2

Este segundo volume dos *Cadernos da Fototeca* foi concebido para servir de memória da exposição *Centro de Estudos Geográficos: 80 anos, 80 fotografias*, organizada pela Fototeca do CEG no quadro das comemorações da fundação desta unidade de investigação científica, ocorrida em Abril de 1943 por iniciativa do então Instituto para a Alta Cultura (Amaral, 1973; Rollo *et al.*, 2012). A exposição esteve patente no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa entre 2 de Maio e 15 de Setembro de 2023, disposta em dez núcleos, repartidos pelas áreas comuns dos três pisos do edifício do IGOT.

Não se trata de um catálogo no sentido estrito do termo, desde logo porque optámos por não inserir aqui o conjunto de materiais complementares produzidos na mesma ocasião, a começar pelas imagens integradas no diaporama *Práticas de trabalho de campo*, no qual as fotografias do arquivo dialogaram quer com fotografias pertencentes aos espólios particulares de vários dos actuais investigadores do Centro de Estudos Geográficos, quer com excertos de filmes e documentários da colecção fílmica do CEG depositada no Arquivo Nacional das Imagens em Movimento da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema para fins de preservação (Pimentel, 2020). Ainda assim, no caderno fotográfico que se oferece a seguir, mantivemos o essencial da estrutura e do itinerário narrativo que planeámos para as fotografias e os diapositivos seleccionados para a exposição presencial. É por isso que o espaço tipográfico e visual do papel impresso que têm nas mãos acaba por apresentar uma imagem mais ou menos «especular» da estrutura do próprio projecto expositivo que esteve na sua origem (Riego Amézaga, 2015; Oliveira, 2023).

Visibilidade e difusão do património fotográfico

Sabemos que a primeira responsabilidade do arquivista consiste em difundir a informação que custodia para o acesso ao conhecimento (Castro, 2022). Tratando-se de documentos fotográficos que constituem património de uma instituição de ciência que tem mantido uma actividade ininterrupta ao longo de oito décadas, como é o caso do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, essa responsabilidade é indissociável da tarefa de historicização dos saberes e das práticas científicas que esses mesmos documentos reflectem (Lefort & Calbérac, 2008; Ibáñez González & Villalón Herrera, 2022). Este trabalho é particularmente complexo porquanto estamos em presença de um fundo essencialmente composto por fotografias datadas de entre finais da década de 1920 e os primeiros anos da década de 1980, a generalidade das quais decorreu de um protocolo científico, técnico e pedagógico desconectado das práticas actuais da disciplina.

De modo a responder às crescentes solicitações dos investigadores vinculados ao Centro de Estudos Geográficos e ao conjunto muito diversificado de outras instituições que nos procuram, nos anos mais recentes os Serviços da Fototeca têm investido no conjunto de actuações prévias que estão previstas para a correcta difusão dos fundos e colecções – da reinstalação dos suportes fotográficos à recuperação da estrutura e ordem original das séries, da revisão do catálogo à digitalização das imagens, do estabelecimento de um sistema de acesso à própria conservação curativa de muitos objectos (Herrera Garrido, 2015; Sánchez-Vigil, Salvador Benítez & Olivera Zaldúa, 2022). Só este investimento permite que a Fototeca tenha desenhado, paralelamente, uma programação de actividades com o objectivo de projectar o arquivo e consolidar uma identidade própria.

É disso exemplo a exposição centrada na extensa série fotográfica que Raquel Soeiro de Brito fez em Macau, em 1961, e que realizámos em parceria com o Centro Científico e Cultural de Macau, em finais de 2021, em formato virtual (CEG/IGOT | CCCM, 2021). O mesmo aconteceu com a exposição focada nas séries obtidas por Francisco

Tenreiro na ilha de São Tomé, entre 1956 e 1958, concretizada em parceria com a Biblioteca Nacional Francisco José Tenreiro de São Tomé e Príncipe, já em 2024 (RTP, 2024). Qualquer destas duas exposições implicou a realização de pesquisa específica sobre os contextos de produção que explicam e dão sentido às fotografias mostradas em cada caso. Porém, para uma exposição que tinha como objectivo dar conta do trabalho realizado no âmbito do CEG desde a sua origem – e que, por isso, convertia o espólio da Fototeca no próprio protagonista – houve que realizar uma investigação alargada ao conjunto de mais de 50.000 imagens fotográficas que compõem este fundo. Se esta pesquisa se torna quase invisível no momento da exposição, a mesma foi determinante para as associações e cruzamentos temáticos, geográficos e cronológicos correspondentes ao itinerário visual que oferecemos sobre a própria prática da Geografia portuguesa durante boa parte do século XX.

A proposta de montagem eleita para a exposição *CEG: 80 anos, 80 fotografias* começou por resultar do condicionalismo imposto pelos espaços físicos disponíveis para a exibição das fotografias, poucos dos quais eram contíguos, sugerindo a criação de um conjunto de unidades autónomas, apenas articuladas pela numeração sequencial das imagens. Outra opção de partida consistiu em assumir que o sentido narrativo seria estruturado em torno de temas ou lugares concretos, e não forçado pela ordem cronológica dos registos. Por outro lado, sabemos que no fundo da Fototeca estão representadas perto de uma centena de autorias individuais e institucionais. Sucede que o peso relativo destas autorias é muito desigual no espólio, o que tanto indicia práticas científicas distintas, como constitui um indicador privilegiado para a identificação de hierarquias prolongadas ao longo do tempo. Não estranhará, por isso, o destaque que acabou por ser dado a um grupo bastante restrito de investigadores cuja soma de registos presentes em catálogo comprova um acesso facilitado à utilização do recurso fotográfico em trabalho de campo, precisamente o contexto que constitui a razão de ser da grande maioria das fotografias incorporadas ao longo do tempo na Fototeca (Gaspar, 1994; Calbérac, 2010; Hallair, 2017).

Este grupo coincide, em boa medida, com a primeira geração de investigadores do CEG: Orlando Ribeiro (1911-1997), Francisco Tenreiro (1921-1963), Raquel Soeiro de Brito (n. 1925), Ilídio do Amaral (1926-2017) e Suzanne Daveau (n. 1925), todos eles representados na exposição e agora retomados neste livro.

Mais de metade do espólio da Fototeca do Centro de Estudos Geográficos corresponde a fotografias de Portugal e de África, neste caso com destaque evidente para aquelas produzidas no âmbito de projectos financiados pela Junta de Investigações do Ultramar por interpostas «Missões de Geografia» sediadas no CEG a partir da segunda metade da década de 1940 (Oliveira & Sarmento, 2022). Como não poderia deixar de ser, tivemos presente esta geografia interna da colecção, sabendo de antemão que o material obtido em contexto colonial constitui um conjunto particularmente exposto à reinterpretação de quem hoje o vê (Ryan, 2014; Hevia, 2014; Allain Bonilla, 2017; Foliard, 2022; Vicente, 2023). Decorrendo da importância da produção científica orientada para os territórios das antigas colónias portuguesas em África, as décadas de 1950 e 1960 são também aquelas nas quais se concentra a parcela mais numerosa de fotografias e diapositivos que guardamos. Ainda que também aqui não nos tenha guiado a preocupação de conseguir uma representação proporcional deste conjunto entre as 80 imagens seleccionadas, o realce dado às fotografias deste período decorre do propósito deliberado de tornar bem visível esse conjunto muito coerente e impressionante.

Territórios familiares

Se o trabalho de campo, incluindo aquele associado à participação regular de diversos investigadores do CEG em excursões de congressos universitários, esteve na origem da maioria das séries de fotografias recolhidas, outros conjuntos temos que foram acrescentados à colecção por compra ou doação. Nem sempre é possível documentar a data e a origem dessas incorporações, mas esse parece ser o caso das diversas fotografias de Hermann

Lautensach (1886-1971) que reproduzimos, qualquer delas anterior à criação do CEG (Figs. 1, 3 e 30). Geógrafo físico alemão muito próximo de Orlando Ribeiro, que conheceu em 1938, por ocasião do Congresso Internacional de Geografia de Amesterdão, Lautensach realizou entre 1927 e 1930 um conjunto de quatro viagens à Península Ibérica, das quais resultaram, entre outros estudos, a sua dissertação de «habilitação», *Morphologische Skizze der Kunsten Portugals. Ein Landskundlicher Ausschnitt* (Esboço morfológico da costa portuguesa: uma divisão geográfica) (1928), e os dois volumes de *Portugal, auf Grund eigener Reisen und der Literatur* (Portugal, baseado nas minhas próprias viagens e na bibliografia) (1932-1937) (Daveau, 1987).

Outros trabalhos intermédios do então professor de Giessen, designadamente o estudo da glaciação da Serra da Estrela, que Lautensach publicara de 1929 e tinha conhecido tradução portuguesa divulgada pela Universidade de Coimbra em 1932, incluem também algumas destas mesmas fotografias (Lautensach, 1932).

As imagens da Serra da Estrela de Orlando Ribeiro e Raquel Soeiro de Brito que seleccionámos para acompanhar a perspectiva do vale glacial do Zêzere de Lautensach – captadas, respectivamente, nas décadas de 1940 e 1950 – assinalam a continuidade que a Geografia portuguesa deu a estas temáticas (Figs. 31 e 32).

A primeira destas fotografias constitui também um bom exemplo do estudo que passou a ser feito sobre os aspectos complementares de geografia humana da Serra da Estrela. Trata-se de uma imagem pertencente à mesma série de estampas intercaladas no capítulo sobre a vida pastoril da Estrela do livro-guia da excursão ao Portugal Central que o próprio Orlando Ribeiro preparou para o Congresso Internacional de Geografia de 1949 (Ribeiro, 1949).

Aqui, valerá a pena notar o paralelismo que temos entre os trabalhos e as fotografias realizadas por Hermann Lautensach em Portugal e os numerosos diapositivos que o geólogo espanhol Eduardo Hernández-Pacheco (1872-1965) fez no decurso das suas viagens pelo território português entre 1917 e 1942. Integradas na Biblioteca Histórica Marqués de Valdecilla da Universidad Complutense de Madrid, a maior parte das

fotografias desta *hidden collection* está datada de 1935, tendo sido recentemente divulgadas com o necessário estudo de enquadramento (Sánchez-Virgil, Salvador Benítez & Olivera Zaldua, 2017). Reformador reconhecido da Geologia e da Geografia espanholas da primeira metade do século XX, Eduardo Hernández-Pacheco cruzou também o seu percurso com o de Orlando Ribeiro, que o terá escutado pela primeira vez em 1930, quando assistiu na Faculdade de Letras de Lisboa, onde era aluno, a uma conferência ilustrada por vários dos seus diapositivos (Ribeiro, 1978).

A influente leitura sobre a individualidade geográfica de Portugal que Orlando Ribeiro propôs em *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1945) e o aprofundamento da imagem do «mundo maravilhoso» do Mediterrâneo que o mesmo acabaria por sistematizar em *Mediterrâneo: ambiente e tradição* (1968) vieram a constituir duas das referências que permitiram articular a tradição da Geografia portuguesa com sínteses sobre o espaço mediterrâneo como aquelas que, a seu tempo, foram escritas por Paul Vidal de La Blache, Maximilien Sorre, Jules Sion, André Siegfried e Fernand Braudel, por exemplo (Claval, 1988; Lira, 2013). Trata-se de um tema de investigação geográfica que discutiu a própria identidade do país e estabeleceu um modelo que, de um ou de outro modo, se mantém no subconsciente da generalidade dos raciocínios que pretendem compreender e interpretar o espaço português (Guichard, 2002). Assinalando este tropismo da Geografia de Lisboa, alinhámos uma série de fotografias de Raquel Soeiro de Brito e Jorge Gaspar (n. 1942) das décadas de 1950 a 1970 que fixam as formas de povoamento e tipos de construção insistentemente revisitados pelos geógrafos do CEG para ilustrar esse «país da pedra» que Orlando Ribeiro viu como sinónimo do Mediterrâneo (Ribeiro, 1968, p. 191) (Figs. 12-16).

O estudo de um par de erupções vulcânicas nos arquipélagos atlânticos de Cabo Verde e dos Açores viria a constituir outras das imagens de marca de Geografia executada no âmbito do CEG logo na década de 1950, estabelecendo as bases de uma linha de pesquisa que se prolongaria até à actualidade e que ajudou a cimentar o reconhecimento exterior do grupo constituído em

torno de Orlando Ribeiro. *A Ilha do Fogo e as suas erupções*, que Ribeiro publicou em 1954, tendo por base a erupção de 1951, representou também um produto emblemático de uma série de monografias sobre as ilhas atlânticas gizada por Orlando Ribeiro e que este iniciara com a sua *L'île de Madère: étude géographique* (1949) (Amaral, 1986). Esta monografia teve continuidade imediata nas teses de doutoramento dedicadas às ilhas de São Miguel, São Tomé e Santiago, respectivamente por Raquel Soeiro de Brito, Francisco Tenreiro e Ilídio do Amaral, entre 1955 e 1964. Esta dupla incidência, que associa estudos sobre espaços insulares do Atlântico com o acompanhamento de erupções vulcânicas por parte de investigadores do CEG, fica documentada pelas fotografias da erupção do vulcão dos Capelinhos, na Ilha do Faial, obtidas por Raquel Soeiro de Brito e (eventualmente) pelo fotógrafo e operador de câmara Salvador Fernandes, integrado na equipa do CEG que acompanhou esta erupção entre 1957 e 1958 (Brito, 2009) (Figs. 27-29). Para sinalizar a continuidade dada a estes mesmos projectos tem-se também a fotografia de pormenor de lavas cordadas obtida por Ilídio do Amaral na Ilha do Fogo, em 1962, assim como aquela outra das arribas da Ilha do Pico pelo mesmo Ilídio do Amaral, de 1970 (Figs. 2 e 42).

A educação do olhar

A coincidência do lugar volta a unir o pequeno grupo de três fotografias que assinala Lisboa e o Tejo vistos pelas objectivas de Hermann Lautensach, Suzanne Daveau e Ilídio do Amaral, separadas estas últimas da primeira por mais de três décadas e também acrescentadas pela novidade da cor (Figs. 3-5). Já o conjunto aparentemente muito dissonante de fotografias que se inicia com uma composição quase hierática de um grupo de pescadores de Siridão na praia de Calangute, em Bardez (Goa), inclui uma perspectiva do largo principal da vila da Zebreira, no distrito de Castelo Branco (num dia que poderá ter sido de eleições), e termina com o perfil de um grupo de instrutores de circuncisos entre os Humbes, no Namibe, tem a ligá-lo aquela que constitui

uma constante do código iconográfico da Geografia Regional de inspiração vidaliana: a representação de grupos humanos enquadrados por um lugar determinado – seja este uma praça, uma praia, um cais, um porto de pesca ou um terreiro cerimonial, como se vê nestes exemplos –, que esclarece sobre aquele que for o respectivo *modo de vida* tradicional (Hallair, 2017) (Figs. 6-11). Esta opção, deliberadamente distinta da dos etnólogos, que preferiam a fotografia de objectos isolados, volta a ser notória nas diversas fotografias que retratam o trabalho braçal, quase sempre também muito marcadas por clivagens de género (Figs. 47, 49, 64-66).

Esta Geografia «pós-vidaliana», que reclamou para si um «saber olhar» as formas visíveis da paisagem, promoveu, ao mesmo tempo, «uma certa disciplina da observação». Na propositadamente muito diversa série de fotografias que fixam telhados e outros tipos de cobertura de construções, quisemos dar conta da normalização daquilo que tem sido classificado como uma verdadeira técnica profissional do ponto de vista, a qual faz do objecto fotográfico o melhor substituto possível do próprio terreno (Figs. 17-26). A escolha de um ângulo de observação é talvez a marca mais clara deste processo de construção do real a partir da fotografia (Mendibil, 2006a; Hallair, 2017). Pequeno arquivo do planeta, para usarmos a metáfora do inventário fotográfico do mundo que Jean Brunhes ambicionou construir entre 1912 e 1930 e que afirmou o motivo da habitação na iconografia dos geógrafos franceses (Mendibil, 1993, 2006b; Capel, 2009; Genoudet, 2020), nesta série de imagens que vão da Ilha de Moçambique a Estocolmo, de Macau a Tavira, de Cambridge a São Miguel, de Paris ao lugar de Onguaia, no deserto do Namibe ou ao extremo norte de Inhambane, é nítido como se operacionalizou essa observação dirigida das paisagens. Como se comprova atestando a analogia de motivos, enquadramentos e escalas de visão que aqui temos, essa mesma observação nada tinha de casual ou de anódino, antes traduzia a partilha de um mesmo sistema iconográfico, que transitou, sem quebras aparentes, dos geógrafos franceses da primeira metade do século XX para as práticas de terreno dos geógrafos portugueses da segunda metade do mesmo século que se conservaram fiéis aos pressupostos de uma geografia essencialmente indutiva.

Referimos já que uma parte significativa do espólio da Fototeca resultou de trabalho de campo realizado em terreno «tropical», situação que evidencia o quanto a Geografia praticada no CEG em contexto de colonialismo tardio determinou a natureza específica da comunidade disciplinar aí inscrita (Oliveira & Sarmiento, 2022; Silva, 2022). Dispostas lado a lado na exposição física, a série de nove fotografias sobre formas de relevo de Angola obtidas por Ilídio do Amaral no quadro da «Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar» de 1961-1973, por um lado, e a sequência de sete imagens registadas por Raquel Soeiro de Brito, Manuel Viegas Guerreiro (1912-1997) e pelo mesmo Ilídio do Amaral sobre diferentes formas de transporte e aproveitamento de água no Egipto, Zimbabué, Angola, Goa e Brasil, por outro, exemplificam o «capital espacial» deste grupo de geógrafos e etnólogos que trabalharam em conjunto (Calbérac, 2010). Como se intui, o repetido trilhar destes terrenos de estudo por parte da então pequena e coesa comunidade científica do CEG acabou por ter um papel determinante nas suas representações e percepções (Figs. 33-41 e 43-49).

Sendo verdade que a atenção à tipologia de paisagens resultantes da adaptação das sociedades rurais tradicionais ao seu quadro de vida orientou boa parte dos inquéritos da «Geografia tropical» portuguesa representados no arquivo da Fototeca, esta parte do espólio testemunha também a emergência de novos temas e, simultaneamente, o modo como os esquemas de observação foram ajustados por efeito da evolução dos fenómenos geográficos estudados. Encontramos um exemplo disto mesmo nas séries de fotografias que Ilídio do Amaral compõe sobre diversos aspectos da realidade urbana da África subsariana, seja nas sucessivas vistas aéreas dos musseques de Luanda, seja no ponto de vista distante ou elevado que privilegia para enquadrar o Soweto, aqui retratado apenas dois anos depois do estabelecimento deste assentamento contíguo a Joanesburgo pelo regime do *apartheid*, em 1963 (Figs. 53-56 e 58).

As fotografias que Ilídio do Amaral faz de Piccadilly Circus e de Times Square sinalizam a autonomização do estudo dos

espaços urbanos no contexto da Geografia portuguesa, processo no qual Amaral desempenhou um papel pioneiro no decurso das décadas de 1950 e 1960 (Oliveira, 2017) (Figs. 51-52). Este foi precisamente o intervalo de tempo durante o qual Raquel Soeiro de Brito e Francisco Tenreiro fotografaram os espaços urbanos ou periurbanos de Macau e Malabo que dialogam com as fotografias de Ilídio do Amaral escolhidas para este núcleo temático (Figs. 50 e 57). A repetida atenção que tanto Amaral como Soeiro de Brito emprestaram à publicidade da Coca-Cola, colocada na vizinhança do ponto de fuga de quase metade das fotografias deste conjunto, foi-nos também útil para testar um sistema de ligações e contiguidades que ajuda a confirmar o facto de as visualidades aplicadas à construção do conhecimento geográfico nunca serem neutras, tendo antes os seus próprios focos e hierarquias (Rose, 2003; Nascimento, 2014; Marques, 2018; Gomes & Berdoulay, 2018).

Novas geografias, futuros usos

Voltamos a encontrar Goa, Macau e o Brasil no conjunto de quatro fotografias de Raquel Soeiro de Brito que observam diversos aspectos da pesca e da vida das populações marítimas, conforme outra das temáticas privilegiadas pela Geografia «pós-vidaliana» implicada na descrição explicativa dos *modos de vida* (Figs. 60-63). E tal como vimos a propósito das imagens fotográficas que dão conta dos materiais, formas e composição das habitações, as feiras e mercados constituem outro tema recorrentemente visitado pelos geógrafos do CEG, por mais contrastado que fosse o espaço escolhido para a realização do trabalho geográfico de campo – nos casos que aqui trouxemos, várias feiras tradicionais em Portugal, por Orlando Ribeiro e Raquel Soeiro de Brito, os musseques de Luanda, o mercado de Assomada, em Santiago de Cabo Verde, e o Auer Dult de Munique, estes três casos pela lente de Ilídio do Amaral (Figs. 71-76).

Confirmadas estas coordenadas essenciais do fundo da Fototeca do CEG, quisemos concluir o itinerário visual proposto na exposição com dois cruzamentos temáticos que indiciam outras tantas particularidades do património científico e cultural guardado neste arquivo. O primeiro corresponde ao conjunto de imagens que, vistas em conjunto com aquelas que resultaram do acompanhamento das erupções do Fogo e do Faial por Orlando Ribeiro e Raquel Soeiro de Brito, funcionam como primeira marca da investigação dedicada aos riscos naturais tanto por parte dos investigadores do Centro de Estudos Geográficos, como por via dos contributos externos recebidos para publicação na *Finisterra*, revista publicada pelo CEG desde 1966. A mais antiga destas imagens volta a ser de Ilídio do Amaral, reconhecido precursor do estudo dos processos erosivos de desenvolvimento rápido em contexto tropical (Rebelo, 2010), e documenta o recuo da arriba na Costa da Caparica, em Novembro de 1958 (Fig. 67). As cheias do Douro de 1978, fotografadas por Rosa Fernanda Moreira da Silva (n. 1940), e os efeitos do sismo dos Açores de 1 de Janeiro de 1980, que José Guilherme de Campos Fernandes (Farrica) documentou dois dias depois da ocorrência, correspondem a imagens organizadas para publicação na *Finisterra* (Figs. 69-70).

Por outro lado, escolhemos dar protagonismo a um conjunto de fotografias de proveniência muito diversa, mas todas focadas no transporte ferroviário, metáfora evidente que desdobra no espaço o tempo longo que escora toda a sequência de imagens que seleccionámos. A maior parte das fotografias deste núcleo procede de autores que mantiveram uma relação mais ou menos circunstancial com o CEG, o que torna a servir de referência para a extensão e diversidade da comunidade científica que foi convergindo ao longo dos anos neste fundo iconográfico. Um dos nomes mais sonantes que ilustra estes vínculos de afinidade é Pierre Gourou (1900-1999), representado pela fotografia de uma locomotiva dos Caminhos-de-Ferro de Angola (CFA) que fez no decurso de uma das duas participações que teve nos trabalhos da «Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar», no início da década de 1960 (Sarmiento, Brito-Henriques & Daveau, 2013; Sarmiento, 2022) (Fig. 78).

Professor do Collège de France e figura central da «Geografia tropical» francesa, Gourou terá sido dos primeiros a cunhar a expressão «Escola geográfica de Lisboa» a propósito do grupo constituído no CEG em torno de Orlando Ribeiro (Oliveira, 2019; Clayton, 2022). Dele se guarda na Fototeca um conjunto de mais de 300 imagens captadas em Angola que elucidam sobre o lugar complexo que a fotografia geográfica ocupa no contexto da prática colonial.

Nem por isso menos reveladora do protocolo de partilha de imagens que acabámos de referir é a fotografia feita em 1955, no antigo Médio Congo (África Equatorial Francesa), por Irene S. van Dongen, geógrafa económica sucessivamente vinculada às universidades de California State, Columbia e Chicago ao longo dos anos 50 e 60 e que se destacou pelos trabalhos relativos à rede de transportes ferroviários implantada nos diversos espaços coloniais europeus em África, entre os quais Angola e Moçambique (Fig. 77). Esta fotografia foi obtida no decurso do trabalho de campo que realizou na África Central entre Janeiro e Outubro desse ano (Hance & van Dongen, 1956). Entre Julho de 1963 e Abril de 1964, Irene van Dongen viria a beneficiar de uma bolsa Fulbright para investigar «a geografia da produção agrícola em Angola e a sua relevância para os padrões sociais de Portugal metropolitano» (Arquivo de Ciência e Tecnologia, 1963-1964; U.S. Department of State, 1963). Por outro lado, a perspectiva paralela da linha de caminho-de-ferro e do canal de irrigação que serviam o *Plan Badajoz* à sua passagem por Guadiana, tomada em 1973 por Paula Bordalo Lema (n. 1944), assinala a maturação da temática da geografia dos transportes que Paula Lema concretizará nos anos seguintes para os distritos de Vila Real e Bragança (Lema, 1977) (Fig. 80). Remetendo para os projectos de colonização agrária espanhola do pós-II Guerra Mundial, esta imagem permite também leituras reflexas sobre as experiências de colonização agrícola aplicadas em Portugal continental e nos antigos territórios coloniais portugueses em África, e que o espólio igualmente documenta (Angalón Laste, 2018; Silva, 2020; Castelo & Jerónimo, 2021; Guerreiro, 2022).

Por último, a fotografia da estação de Alcântara-Terra, em Lisboa, devida ao arquitecto José Manuel Fernandes (n. 1953), foi concebida para mais um texto publicado na revista *Finisterra* (Fernandes, 1982) (Fig. 79). Servia como apoio para uma deambulação imaginária pelas formas do urbanismo e da arquitectura portuguesas, atestando assim, uma vez mais, a diversidade dos motivos fotográficos presentes no fundo e a elasticidade de usos para os quais as fotografias foram originalmente pensadas. A visualização desta e das demais 79 fotografias que resgatámos da Fototeca do CEG, e que aqui reunimos depois de termos testado o seu sentido narrativo no espaço da exposição, não apenas ajuda à inscrição destes objectos na memória da disciplina, como constitui uma oportunidade privilegiada para promover a releitura e a reapropriação contemporâneas deste muito valioso *corpus* de fotografias.

Agradecimentos

A organização da exposição fotográfica que está na origem deste livro não teria sido possível sem o empenho da equipa da Fototeca do CEG e do Gabinete de Comunicação do IGOT que participou nessa iniciativa e a quem agradeço penhoradamente: Ana Bonifácio, Filipa Garcez Jardim, Maria João Raimundo, Sandra Domingues e Sílvia Mendes Ribeiro. A José Manuel Simões, Comissário das comemorações dos 80 anos do CEG, e a José Luís Zêzere, Director do CEG, agradeço o desafio lançado para a preparação da exposição e a garantia das condições que permitiram que esta se fizesse em tempo útil.

Bibliografia

- Allain Bonilla, M.-L. (2017). Repositionner la photographie : quand le postcolonial devient personnel. In J. Lageira (dir.), *Usages géopolitiques des images – Les carnets du BAL 7* (pp. 162-177). Paris: LE BAL; Éditions Textuel.
- Amaral, I. do (1973). Centro de Estudos Geográficos (1943-1973). *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, 8(16), 310-315.
DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis2389>
- Amaral, I. do (1986). Terceira (Açores). Estudo geográfico. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, 21(41), 166-174.
DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis2046>
- Angalón Laste, J. M. (2018). Los planteamientos urbanísticos del Instituto Nacional de Colonización en la Postguerra (1939-1971). In M. M. Lozano Bartolozzi & V. Méndez Hérnan (eds.), *Paisajes culturales entre el Tajo y el Guadiana* (pp. 15-35). Cáceres: Universidad de Extremadura. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8029919>
- Arquivo de Ciência e Tecnologia (1963-1964). Irene S. van Dongen. Arquivo da Comissão Cultural Luso-Americana – Comissão Fulbright ref. PT/FULB/FULB/024/0005/669.
- Brito, R. S. de (2009). Breve evocação do vulcão dos Capelinhos. In 50.º Aniversário do Vulcão dos Capelinhos (pp. 11-29). Lisboa: Academia de Marinha.
- Calbérac, Y. (2010). *Terrains de géographes, géographes de terrain. Communauté et imaginaire disciplinaires au miroir des pratiques de terrain des géographes français du XX^e siècle*. Thèse de doctorat en géographie. Lyon: Université Lumière Lyon 2.
- Capel, H. (2009). Pierre Deffontaines y el desarrollo de la Geografía Humana. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, 13(810). Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-810.htm>

Castelo, C., & Jerónimo, M. B. (2021). Reordenar e controlar. In M. B. Jerónimo & J. Pontes (coord.), *Visões do Império* (pp. 78-82). Lisboa: Tinta-da-china.

Castro, B. G. de (2022). La fotografía como documento. En torno a la difusión. In M. Olivera Zaldua, A. Salvador Benítez & J. M. A. Sánchez-Vigil (eds.), *Fotografi@.doc: investigación, docencia, usos, aplicaciones* (pp. 15-22). Madrid: Editorial Fragua.

CEG/IGOT | CCCM (2021). *Macau: diferentes olhares em tempos diferentes – Fotografias de Raquel Soeiro de Brito e do Centro Científico e Cultural de Macau. Exposição virtual*. [Online]. Disponível em: <https://exposicoes.ceg.ulisboa.pt/>

Claval, P. (1988). Les géographes français et le monde méditerranéen. *Annales de Géographie*, 97(542), 385-403.
DOI: <https://doi.org/10.3406/geo.1988.20686>

Clayton, D. (2022). Decolonisation and the unhomely tropicity of Pierre Gourou and Orlando Ribeiro, 1943-1982. *Terra Brasilis*, 17
DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.11046>

Daveau, S. (1987). Introdução. In O. Ribeiro, H. Lautensach, & S. Daveau, *Geografia de Portugal* (Vol. 1, pp. IX-XXIII). Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Fernandes, J. M. (1982). Devaneio imaginário num contexto urbano-sintético português. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, 17(34), 425-430. DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis2158>

Foliard, D. (2022). *The violence of colonial photography*. Manchester: Manchester University Press.

Gaspar, J. (1994). O olhar do geógrafo. In O. Ribeiro, *Finisterra* (pp. 9-18). Coimbra: Encontros de Fotografia.

Genoudet, A. (2020). *L'Effervescence des images : Albert Khan et la disparition du monde*. [Bruxelles]: Les Impressions Nouvelles.

Gomes, P. C. Costa, & Berdoulay, V. (2018). Imagens na geografia: importância da dimensão visual no pensamento geográfico. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, 27(2), 356-371.
DOI: <https://doi.org/10.15446/rcdg.v27n2.65165>

- Guerreiro, F. C. (2022). *Colónias agrícolas: a arquitectura entre o doméstico e o território, 1936-1960*. Porto: Dafne Editora.
- Guichard, F. (2002). En relisant Orlando Ribeiro : et si la Méditerranée n'était plus tout à fait ce qu'elle a été ? *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, 43, 231-251.
- Hallair, G. (2017). Le terrain dans les carnets et les photographies des géographes français et allemandes (fin XIX^e – mi XX^e siècle). In J.-L. Georget, G. Hallair & B. Tschöfen (dir.), *Saisir le terrain ou l'invention des sciences empiriques en France et en Allemagne* (pp. 89-112). Lille: Presses universitaires du Septentrion.
- Hance, W. A., & van Dongen, I. S. (1956). The port of Lobito and the Benguela Railway. *The Geographical Review*, 46(4), 460-487. DOI: <https://doi.org/10.2307/212105>
- Herrera Garrido, R. (2015). Conservación y restauración. In A. Salvador Benítez (coord.), *Patrimonio fotográfico: de la visibilidad a la gestión* (pp. 51-82). Gijón: Ediciones Trea.
- Hevia, J. L. (2014). The Photography Complex: Exposing Boxer-Era China (1900-1901), Making Civilization. In M. Jay & S. Ramaswamy (eds.), *Empires of Vision* (pp. 283-314). Durham; London: Duke University Press.
- Ibáñez González, R., & Villalón Herrera, R. M. (2022). Una visión científica de lo cotidiano: fotografías del archivo del CCHS. In M. Olivera Zaldúa, A. Salvador Benítez & J. M. A. Sánchez-Vigil (eds.), *Fotografí@.doc: investigación, docencia, usos, aplicaciones* (pp. 45-64). Madrid: Editorial Fragua.
- Lautensach, H. (1932). *Estudo dos glaciares da Serra da Estrêla*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Lefort, I., & Calbérac, Y. (2008). Faire d'un fond documentaire un patrimoine : La valorisation des films pédagogiques géographiques produits par l'École normale supérieure de Saint-Cloud. In F. Hiraux (dir.), *Les archives audio-visuelles. Politiques et pratiques archivistiques dans la société de l'information* (pp. 201-210). Bruxelles: Academia-Bruylant. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-00387241>

Lema, P. B. (1977). *Organização dos transportes numa área interior e excêntrica: distritos de Vila Real e Bragança*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

Lira, L. A. de (2013). *O Mediterrâneo de Vidal de la Blache: o primeiro esboço do método geográfico (1872-1918)*. São Paulo: Alameda Editorial; FAPESP.

Marques, S. L. (2018). *Ether / Vale tudo menos tirar olhos (1982-1994): um laboratório de fotografia e história*. [Porto]: Dafne Editora; Pierrot le Fou.

Mendibil, D. (1993). Jean Brunhes, photographe-iconographe. In J. Beausoleil (dir.), *Autour du Monde : Jean Brunhes, regards d'un géographe, regards de la géographie* (pp. 140-151). Boulogne: Musée Albert Kahn; Conseil général des Hautes-de-Seine; Paris: Vilo.

Mendibil, D. (2006a). Les gestes du métier : terrain, espace et territoires. In M.-C. Robic (ed.), *Couvrir le monde : un grand XX^e siècle de géographie française* (pp. 54-89). Paris: Ministère des Affaires étrangères.

Mendibil, D. (2006b). O sistema iconográfico da geografia francesa e Pierre Monbeig. In H. A. Salgueiro (org.), *Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira: a dinâmica da transformação* (pp. 233-247). Bauru, São Paulo: Edusc.

Nascimento, A. (2014). Olhar as mudanças sociais em São Tomé e Príncipe através das fotografias. In F. L. Vicente (org.), *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)* (pp. 157-167). Lisboa: Edições 70.

Oliveira, F. R. de (2017). Ilídio do Amaral (1926-2017): uma vasta obra dedicada à geografia das regiões tropicais. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, 52(106), 149-158.
DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis12097>

Oliveira, F. R. de (2019). El México de Orlando Ribeiro: cuaderno de campo, fotografías y textos relativos a la Conferencia Regional Latinoamericana de la Unión Geográfica Internacional. *Investigaciones Geográficas*, 0(100). DOI: <https://doi.org/10.14350/ig.60018>

Oliveira, F. R. de (2023). Centro de Estudos Geográficos: 80 anos, 80 fotografias: Exposição fotográfica e diaporama | Folha de sala. Lisboa: Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Disponível em: <https://www.igot.ulisboa.pt/sites/default/files/documents/document/2023/ceg80anos80fotografiasfolhasala.pdf>

Oliveira, F. R. de & Sarmiento, J. (2022). Portuguese Geography, tropics and late colonialismo. *Terra Brasilis*, 17
DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.10538>

Pimentel, J. (2020). *A coleção colonial da Cinemateca*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

Rebelo, F. (2010). *Geografia física e riscos naturais*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Ribeiro, O. (1949). *Le Portugal Central (livret-guide de l'excursion C)*. Lisboa: Union Géographique Internationale – Congrès International de Géographie Lisbonne.

Ribeiro, O. (1968). *Mediterrâneo: ambiente e tradição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ribeiro, O. (1978). Francisco Hernández-Pacheco. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, 13(25), 104-108.
DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis2261>

Riego Amézaga, B. (2015). La exhibición de fotografías y el diálogo con el espectador. In A. Salvador Benítez (coord.), *Patrimonio fotográfico: de la visibilidad a la gestión* (pp. 185-216). Gijón: Ediciones Trea.

Rollo, M. F., Queiroz, M. I., Brandão, T., & Salgueiro, A. (2012). *Ciência, cultura e língua em Portugal no século XX: da Junta de Educação Nacional ao Instituto Camões*. Lisboa: Instituto Camões; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Rose, G. (2003). On The Need to Ask How, Exactly, Is Geography “Visual”? *Antipode*, 35(2), 212-221. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-8330.00317>

RTP. Rádio e Televisão de Portugal (2024). São Tomé e Príncipe – Biblioteca Nacional acolhe exposição fotográfica em homenagem a Francisco José Tenreiro [Online]. Disponível em: <https://rtpafrica>.

rtp.pt/cultura/sao-tome-e-principe-biblioteca-nacional-acolhe-exposicao-fotografica-em-homenagem-a-francisco-jose-tenreiro/

Ryan, J. R. (2014). Fotografia colonial. In F. L. Vicente (org.), *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)* (pp. 31-42). Lisboa: Edições 70.

Sánchez-Virgil, J. M., Salvador Benítez, A., & Olivera Zaldua, M. (2017). *Portugal Inédito. Fotografías de Eduardo Hernández-Pacheco*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.14352/20033>

Sánchez-Vigil, J. M., Salvador Benítez, A., & Olivera Zaldua, M. (2022). *Colecciones y fondos fotográficos: criterios metodológicos, estrategias y protocolos de actuación*. Gijón: Ediciones Trea.

Sarmiento, J. (2022). *Orlando Ribeiro – Cadernos de campo, Angola 1960-1969*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.

Sarmiento, J., Brito-Henriques, E., & Daveau, S. (2013). O Caderno de Campo de Moçambique de Orlando Ribeiro e o seu contexto. In J. Sarmiento & E. Brito-Henriques (eds.), *Orlando Ribeiro – Cadernos de campo, Moçambique 1960-1963* (pp. 13-33). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.

Silva, D. G. (2022). A geografia das regiões tropicais na produção científica da revista *Finisterra*, 1966-2021: uma análise bibliométrica. *Terra Brasilis*, 17 DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.10673>

Silva, M. E. O. S. L. da (2020). *Estado, território, população: as ideias, as políticas e as técnicas da colonização interna no Estado Novo*. Tese de doutoramento em História. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/45284>

U.S. Department of State (1963). *American Lecturers – Research Scholars and Professors Receiving United States Government Awards 1963-1964 Academic Year*. [Washington]: Bureau of Education and Cultural Affairs.

Vicente, F. L. (2023). Vision and Violence. Black Women's Bodies on Display (1900-1975). In F. Vicente & A. D. Ramos (eds.), *Photography in Portuguese Colonial Africa, 1860-1975* (pp. 279-322). Cham: Palgrave Macmillan